

Os Teixeira Leite: trajetórias e estratégias familiares, em Vassouras, no século XIX

Introdução:

No Vale do Paraíba Fluminense do século XIX, época de grande produção cafeeira, destacaram-se os municípios de Vassouras, Valença e Piraí não só como os maiores produtores de café, como os que possuíam maior número de escravos

No censo de 1850, já podemos observar a quantidade de escravos nestes municípios e os que possuíam a maior população livre.

Quadro 1

Recenseamento da População da Província do Rio de Janeiro em 1850 relativo aos Municípios do Médio Vale do Paraíba

Municípios	Livres	%	Escravos	%	Total	%
Vassouras	9.428	32,9	19.210	67,1	28.638	100
Valença	8.583	30,0	20.119	70,0	28.702	100
Piraí	6.913	26,6	19.090	73,4	26.003	100
São João do Príncipe	5.843	38,2	9.483	61,8	15.326	100
Barra Mansa	8.381	47,2	9.374	52,8	17.755	100
Resende	10.880	54,4	9.120	45,6	20.000	100
Paraíba do Sul	8.240	49,2	8.513	50,8	16.753	100

Fonte: Relatório do Vice-Presidente da Província de 5 de maio de 1851.¹

Desses três municípios mais populosos, foi a Vila de Vassouras que se tornou o maior centro urbano do Vale. Em 15 de janeiro de 1833, foi elevada à vila compreendendo as freguesias de N. S. da Conceição, Sacra Família do Tinguá e Pati do Alferes.²

Em 29 de setembro de 1857, foi elevada a Município compreendendo as antigas freguesias e Santa Cruz dos Mendes que lhe foi anexada.

¹ Censo Geral do Império: Relatório do Vice-Presidente da Província, 5 de maio de 1851.

² RAPOSO, Ignácio: *História de Vassouras*. Niterói. SEEC – Rio de Janeiro: Instituto Estadual do Livro. 1978. pp. 26/27.

O município de Vassouras vinha desde a Baixada Fluminense, vizinho de Iguacú, subia a Serra do Mar e chegava às margens do Rio Paraíba do Sul. Sua área compreendia os atuais municípios de Japeri (antigo Belém), parte de Paracambi, Paulo de Frontin, Mendes, Morsing, parte de Barra do Piraí, Pati do Alferes e Miguel Pereira.

Vassouras cresceu como centro da produção cafeeira do Vale. Além de várias famílias de barões fazendeiros e de pequenos e médios produtores, existiam os que exerciam o ofício de capitalistas³, como os membros da família Teixeira Leite, que moradores da cidade procuraram embelezá-la e dotá-la das comodidades dos centros urbanos maiores. Por essa razão, Vassouras se distinguiu das demais cidades do café, tendo comércio mais desenvolvido e ativa vida social.

Família Teixeira Leite

As famílias Leite Ribeiro e Teixeira Leite eram de origem portuguesa, radicados em S. João Del Rei. O Capitão Francisco José Teixeira e o Sargento-mor José Leite Ribeiro emigraram no início do século XVIII para Minas Gerais, comarca do Rio das Mortes. Foram ambos mineradores de ouro e tiveram, por largos anos, sociedade sendo considerados pelo guarda-mor das terras e águas minerais do Rio dos Peixes “mineiros de fábrica avultada”⁴.

Francisco José Teixeira casou-se com Ana Josefa de Souza e José Leite Ribeiro com Escolástica Maria de Jesus. Seus filhos: Francisco José Teixeira, o futuro Barão de Itambé casou-se com Francisca Bernardina Leite Ribeiro e dessa união nasceram 11 filhos.

Francisco José Teixeira tornou-se um abastado fazendeiro de cana, mantimentos e criador de gado em Conceição da Barra, nas vizinhanças de S. João Del Rei e dedicava-se, também à atividade usurária, emprestando dinheiro aos fazendeiros de sua terra. Francisco José Teixeira era cunhado de Custódio Ferreira Leite, o futuro Barão de Ayuruoca, que

³ MARTINS, Fernanda. *A Elite Política Imperial: uma contribuição para o estudo das relações de poder no II Reinado, a partir do Conselho de Estado. 1882-1889*. Tese de doutorado, em elaboração no IFCS da UFRJ. “Os capitalistas são entendidos aqui como aqueles que viviam em função do capital usurário e empréstimos a terceiros, figuras típicas de sociedades pré-capitalistas ou de um capitalismo não plenamente constituído, substituíam geralmente um incipiente ou inexistente setor bancário, controlando, via de regra, a liquidez do mercado. Nesse sentido, tendem a perder sua importância a partir dos anos 80, e da consolidação do sistema bancário, responsável pela criação e manutenção de linhas de crédito.” Ver DAUMARD, Adeline (org) *Les Fortunes Françaises aux XIX^{ème} siècle*. Paris. Hachette, 1973. p.163.

⁴ TAUNAY, Affonso de E. “Uma Irmandade de Grandes Cafezistas e Civilizadores” In: *O Café no Segundo Centenário de sua Introdução no Brasil*. RJ. Edição do Departamento Nacional do Café.1934.

havia sido encarregado pelo Rei de construir na província do Rio de Janeiro, uma ponte ligando a Estrada da Polícia que chegava do lado direito do Rio Paraíba do Sul, ao lado esquerdo do rio, facilitando a viagem até à aldeia que deu origem a Valença. Essa ponte foi construída próxima ao Rio das Mortes, em Vassouras.

Seus sobrinhos, Francisco José e José Eugênio Teixeira Leite, filhos do Barão de Itambé, com dinheiro emprestado pelo pai, por volta de 1825, vieram ao encontro do tio. Francisco José se estabeleceu em Vassouras e seu irmão José Eugênio em Mar de Espanha, em Minas Gerais.⁵

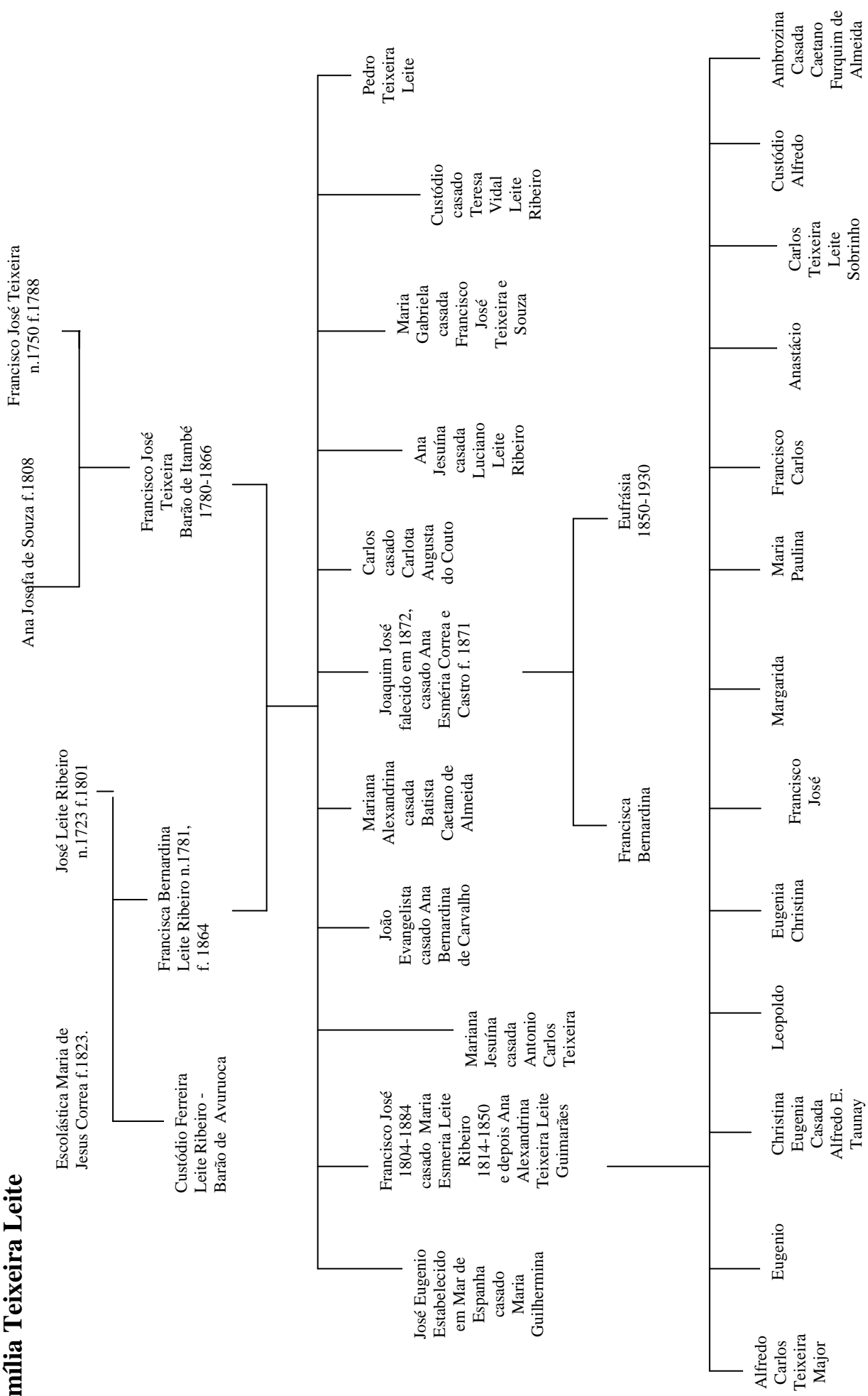
Outros irmãos vieram, depois, para Vassouras, como Joaquim, que estudou direito em São Paulo, João Evangelista, Carlos José e se estabeleceram como capitalistas junto a Francisco José.

Francisco José casou-se, em 1830, com Maria Esmeria Leite Ribeiro, sua prima, filha de seu tio materno, Comendador Anastácio Leite Ribeiro, dono de fazenda em Conservatória. Com o dote que recebeu pelo casamento, desenvolveu a Fazenda Cachoeira. Logo, porém, passou a dedicar-se aos “seus negócios de capitalista” e após a morte da mulher em 1850, estabeleceu-se definitivamente em Vassouras e dedicou-se à atividade usurária junto com outros parentes.

Quando morreu sua esposa em 1850 seu monte-mor era 1:126:260\$247 ou £136.559. A fazenda tinha 225 alqueires, 250.000 pés de café, 147 escravos adultos e 15 crianças. A fazenda representou apenas, pequena parte do inventário: 184:479\$200 ou 16%. A maior parte de seus bens eram as dívidas ativas.

⁵ TAUNAY, Affonso de E. *História do Café no Brasil*. Vol. 5. Rio de Janeiro: Departamento Nacional do Café, 1939. p.201.

Diagrama Família Teixeira Leite



Francisco José teve com Maria Esméria sete filhos. Ambrozina, a filha mais velha, tinha 15 anos e era casada com Caetano Furquim de Almeida, sócio do sogro nos seus negócios, os outros filhos eram menores. No decorrer do inventário, Francisco José pediu ao juiz que lhe concedesse o direito de não dividir a fazenda da Cachoeira com os filhos e sim dar-lhes a parte da herança em dívidas ativas. Na carta que ele escreve ao Juiz podemos ver várias atitudes típicas de um grande proprietário que possuía uma visão muito clara dos problemas da cafeicultura, numa época em que as fazendas de café estavam dando muito lucro e os fazendeiros não estavam preocupados com os problemas que já começam a aparecer.

“Diz o comendador Francisco José Teixeira Leite que interessado no melhor arranjo de seus filhos menores, de quem é tutor nato, vem requerer o seguinte modo da partilha, que a primeira vista parecerá estranha, mas que bem pensado, é a mais segura e vantajosa para todos eles. Também por isso é que ele suplicante o requer, porque se consultasse seu particular interesse, pediria que a sua meação se justificasse a metade de tudo. Requer, pois, primeiro que a ele suplicante para solução da dívida justificada de seu pai o Barão de Itambé, se justifique a quantidade suficiente das dívidas ativas, consideradas boas no balanço de fls.21.

Nesse trecho Francisco José falava sobre a dívida que contraía com seu pai, o Barão de Itambé. Vemos aí uma estratégia de reciprocidade familiar quando o pai empresta dinheiro aos filhos para que estes venham se estabelecer em Vassouras, região promissora com o início da produção cafeeira. O Barão de Itambé era capitalista em Minas Gerais e seus filhos vieram para esta região exercer o mesmo ofício do pai.

Segundo que se dêem a herdeira D. Maria Paulina, escravas Constança, Aninha, Julieta crioula, ao herdeiro Francisco, o escravo Egydio pardo, ao herdeiro Anastácio, o escravo Adão pardo, ao herdeiro Joaquim, o escravo Leocádio crioulo, ao herdeiro Carlos, o escravo José pardo, ao herdeiro Custódio, o escravo Belisário crioulo. Terceiro que se dê ao pagamento da herdeira maior, D. Ambrozina, o meio dote com que entrou a colação e se preencha toda a legítima dela, como a de todos os menores, com dívidas ativas, constantes daquele balanço, dando-se porém a cada hum deles, já das dívidas, ali declaradas perdidas, já das mencionadas com rebate de 30 a 50%, unicamente a parte proporcional, que por direito lhes cabe, isto é a 14ª parte, sendo que tudo mais se perfaça com as dívidas declaradas boas no dito balanço.

Neste trecho da carta o Barão se referia ao dote recebido pela herdeira maior, D. Ambrozina por ocasião do seu casamento e falava na colação do meio dote com que a herdeira entrou no inventário.⁶ O Barão pediu ao juiz que preenchesse toda a legítima da herdeira como a de seus irmãos menores.

Quarto que enfim o pagamento da meação dele suplicante se faça com a metade das dívidas perdidas, e das que poderá ter rebate de 30, ou 50%, com toda a fazenda, plantações, obras, benfeitorias, móveis, ferramentas, café colhido, prata, cobre, gado vacum e cavalari, e com toda a escravatura, a exceção somente dos poucos escravos, citados para os herdeiros, inteirando o que falar com as dívidas declaradas boas, das quais aliás ele suplicante tenha direito a metade.

Continuando a Carta ao Juiz, Francisco José diz:

As razões que moveram o suplicante são as seguintes: De todos os bens, que o suplicante para seu pagamento, constantes de 8 até 17, o único que tem alguma estabilidade e solidez, e que é menos sujeito a deteriorar-se, é o terreno, composto de uma sesmaria, pouco mais ou menos, avaliada por 30:000\$000 dos quais deviam tocar a ele suplicante 15:000\$000 ou metade, contra a metade dos herdeiros, vindo a caber a cada um somente a 14 parte, isto é, pouco mais de 2:000\$000 a cada hum, porque são sete herdeiros. Uma tal divisão em tão pequeno terreno, desarranjaria a todos, faria perder todo o merecimento da fazenda, ao passo que, não daria verdadeiro interesse a ninguém. Acresce, que esse mesmo terreno está quase todo cultivado e ocupado com plantações e benfeitorias, e quase nenhum mato, de modo que com o usufruto, que o suplicante continuaria a ter dele, e segundo o sistema de lavoura de nosso país, que exige indispensavelmente para plantação bons matos daqui a dez e quatorze anos, quando os últimos menores pudessem receber o seu quinhão, estaria esse terreno, tão diminuto para cada um, completamente safado e estragado, não tendo quase valor algum. Tudo o mais como escravos, animais, imóveis, casas, plantações, benfeitorias, tudo é muito frágil e caduco sujeito a perecer, a extinguir-se e deteriorar-se dentro de pouco tempo, de maneira, que, bem considerado tem menos certeza e segurança do que boas dívidas do comércio e movidas com muita atividade. Com efeito, os cafezais, que hoje existem e dão algum resultado, daqui a seis ou quatorze anos, estarão reduzidos a capoeira

⁶ Nas Ordenações Filipinas o dote recebido por ocasião do casamento devia ser devolvido ao montemor, no inventário dos pais: a metade deveria ser devolvida pelo casal por ocasião do inventário do pai e a outra metade no inventário da mãe. Esse pagamento era denominado “colação”

e sem valor algum, os escravos, terão morrido quase todos, outros envelhecidos, e outros fugidos e outros reduzidos a estado de perfeitamente inválidos, porque observa-se que nesta província, que de dez em dez anos ou ainda menos, a escravatura se renova, ou por outra se substitui, sendo que todos os mais objetos de certo terão desaparecido. Assim, o pagamento dos herdeiros na fazenda e mais bens, que para o tempo presente pareceria real e seguro, para o futuro se tornará com as mortes, ruínas e deterioramentos, quase inteiramente ilusório e vão, tendo eles herdeiros um prejuízo certo, se não de todas aos menos da maior parte de suas legítimas.

Francisco José faz, neste trecho da carta, uma análise detalhada do processo de produção do café. É interessante lembrar que esta análise foi feita em 1850, quando o café estava dando muito lucro e poucos cafeicultores teriam capacidade de fazer uma análise tão perfeita da produção cafeeira prevendo seu futuro, não só referindo-se ao esgotamento das terras, ao envelhecimento dos cafezais, como da mão de obra escrava. Ele prevê a necessidade da renovação da escravatura de dez em dez anos.

Não remediaria o suplicante estes inconvenientes, se fizesse dar dos menores somente toda a fazenda com seus pertences e com ela deviam vir todos os demais bens. Enfim o suplicante foi sempre mais comerciante e capitalista, do que fazendeiro, tendo o estabelecimento agrícola mais por passa tempo, do que por interesse e tanto o que o seu capital circulante em dívidas andou como se vê do balanço a fl. 21 de 1.047:996\$217. Ao passo que terá a avaliação da fazenda com todos os seus anexos e pertences subido pouco mais de um décimo, a soma de 184:479\$240.

Francisco José reafirmou sua profissão de comerciante e capitalista e não de fazendeiro, mostrando que no inventário de sua esposa o valor maior dos bens devia-se às dívidas ativas, proporcionadas pelo ofício de capitalista que possuía e não à renda da fazenda.

Entretanto com o grave desgosto que ele suplicante sofreu e pela perda de sua mulher, parece-lhe que ele não terá mais prazer e nem se interessará pelo bom andamento da fazenda, que exige assiduidade e aplicação, e assim por força o estabelecimento há de sofrer. Sendo que não tem o suplicante nem terá tão cedo um filho a quem pudesse confiar

a administração. Por isso provavelmente ele terá que vender o estabelecimento com todo que lhe diz respeito, e cuidar só do manejo de seus negócios e da educação de seus filhos.”⁷

Neste trecho ele se queixava por não ter um filho adulto a quem entregar a direção da fazenda e por isso pretendia vendê-la. Vemos aí reiterada a estratégia usada pelos cafeicultores de preparar um dos filhos para ser seu continuador.

Francisco José, após a morte da esposa mudou-se para a vila de Vassouras levando o mobiliário da fazenda, a qual foi vendida tempos depois. Os negócios de banqueiro de Francisco José cresceram muito. Taunay diz que em 1870 chegavam a 3:600:000\$000 (£339.000).⁸ Ele, seus irmãos, genro e outros parentes tornaram-se os capitalistas da cidade, emprestando dinheiro a juros.

Francisco José casou-se novamente com Ana Alexandrina Teixeira Leite Guimarães, com quem teve mais 11 filhos dos quais quatro faleceram ainda solteiros. Em 1871, recebeu o título de Barão de Vassouras.

Em vários inventários, tanto de grandes proprietários como de pequenos, vemos as dívidas com a família Teixeira Leite; Em 1845, José Gomes de Aguiar⁹ tem com o Dr. Joaquim Teixeira Leite uma dívida de 20:000\$000. Em 1858, Francisca Maria d’Ávila¹⁰ esposa de Francisco José d’Ávila, faleceu e em seu inventário vemos que a família tem uma grande dívida: 100:519\$523. Dessa dívida 33:248\$508 era com Francisco José Teixeira Leite, 28:759\$281 era com Furquim & Irmãos. 7:051\$545 com João Evangelista Teixeira Leite, além de outros credores. Para pagar as dívidas o casal teve de vender vários bens.

Entre os grandes proprietários, também encontramos dívidas com os Teixeira Leite. Em 1862, faleceu o Barão de Paty do Alferes¹¹ deixando um monte-mor de 1:006.930\$031 (£110.342), porém, dívidas no valor de 634:899\$306. Dessas dívidas, grande parte era com os irmãos Teixeira Leite. 110:527\$300 com Francisco José Teixeira

⁷ CDH- C.1º.O.V.- Cx363 Inventário de Maria Esmeria Leite Ribeiro, 1850. Carta do advogado de Francisco José Teixeira Leite, anexada ao inventário. Data 24 de maio de 1851, assinada por Francisco de Assis Almeida, advogado.

⁸ TAUNAY, Affonso de E. Opus cit. p.208.

⁹ CDH – C.1º O.V. – Cx. 86. Inventário de José Gomes de Aguiar, 1845.

¹⁰ CDH – C.1º O. V. – Cx. 105. Inventário de Francisca Maria d’Ávila, 1858.

¹¹ CDH – C.1º O. V. – Cx. 115. Inventário de Francisco Peixoto de Lacerda Werneck, Barão de Paty do Alferes, 1862.